

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte; e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 120 rs.

A MARMOTA.

O Snr. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo.

A enfermidade do Snr. Conselheiro Nabuco, que chegou a inspirar serios receios a sua familia e aos seus mais dedicados amigos, vai cedeado, felizmente, ás bem acertadas applicações de seu habil medico o Snr. Dr. Feijó.

Uma febre de mão caracter, que tornou-se depois em uma pneumonia aguda, fez que o Snr. Dr. Feijó desejasse ouvir a opinião de seus collegas os Snrs. Drs. Meirelles e Persiani, que, em conferencia com elle, concordaram na gravidade do mal, e nos bem acertados meios com que tinha sido elle combatido e convinha que continuasse

POLETTI.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065.)

Laura e o bello caçador se-encaram; soltaram simultaneamente um sorriso, e um rubor mais exquisito espalhou-se por seus lindos rostos. Oh! esse magico e tão bello sorriso dos labios do mancebo, essa vergonha com que os olhos da bella esmaltam seu rosto, quanto seriam encantadores nos labios e no rosto de Laura, si ella fosse innocente! Ah! eram dous sorrisos de amor, branda e docemente deslisados sobre essa mysteriosa côr com que no milagroso instante do primeiro estremecimento do coração, com que no primeiro momento do enlevo d'alma o amor se-costuma a ataviar! O magico, o doce sorriso do caçador era o puro sorrir de um anjo, porque elle era innocente, como a pomba! Laura, Laura, o teu feitiçeiro e gentil sorrir seria o sorriso de um anjo, si tu fóras tão innocente, como o lindo caçador!

Laura tinha consciencia de sua belleza, para não ver que a surpresa do caçador era por ella produzida; o caçador por seu turno não se-desconhecia para não sentir o mesmo. Elle pediu agua: Laura li'a deu com sua propria mão, e pouco depois, passada uma breve conversação, o caçador despediu-se.

a sel-o (como de facto o foi) recorrendo-se ao que a allopathia tem de mais energico para taes casos, e nas circumstancias do illustre enfermo, que esteve em delirio por mais de uma vez.

A vida do Snr. Conselheiro Nabuco, tão abalizado Jurisconsulto, como energico e habilissimo homem de estado, é hoje uma vida preciosa a todos e a todos os respeitos.

Nós, que o conhecemos de perto, que sabemos da pureza de suas intenções, e do que é S. E. capaz em negocios publicos, fazemos votos pela conservação de seus dias, tão necessários á sua familia, e de tantas esperanças para sua patria.

S. E. tem sido visitado por homens de todos os credos; e ninguem ouvia a noticia de sua grave enfermidade, que não se sentisse logo impressionado e não dêsse como funesta a sua perda,

O bello mancebo repetiu as suas caçadas nos bosques da Copa-Cabana, e por conseguinte se-lhe-repelia sempre a sôde, que ia saciar no bello copo de agua apresentado pelas lindas mãos da formosa Laura.

O caçador já amava a Laura: e como vel-a sem amal-a? mas seu amor era um amor respeitoso! elle sentia que esse respeito não era filho de medo, mas elle ignorava d'onde elle provinha! elle a amava, mas tremia com a idéa de amal-a! amava e suppunha impossivel dizer-lhe: — Eu vos-amoo... — Elle sentia que a sua sensibilidade tinha sido agradavelmente abalada pela presença dos encantos de Laura! elle sentia que todas as suas faculdades intellectuaes estavam occupadas pelas graças e pelo-amor desta gentil mulher! mas todavia, não só se não atrevia a fallar-lhe cousa alguma, como tel-a por sua amante! e elle com effeito desejava estar sempre com ella e viver sempre com ella! E', pois, um amor, mas sem a ardente cubia do amor... então não é amor será amizade? é mais do que amizade? será amor de irmão? é mais que amor de irmão? é amor de filho? é menos que amor de filho! mas enfim é um amor, um amor que tem um mysterio!

Laura tambem já amava o caçador, mas com um amor, que, bem imitando o do seu lindo amado, ella propria não sabia comprehender esse amor e muito menos explicar. Ella sentia pelo caçador quanto este sentia por ella; e todos os seus sentimentos a respeito, eram em tudo, e por tudo, eguaes aos do seu amado.

Durante os primeiros dias algumas cartas foram trocadas entre os dous novos amadores; e em uma só dellas nada se-pedia; e em todas tudo se-concedia: engrandecimentos

se o Brasil, tão falto de homens notaveis, viesse desgraçadamente a sentil-a na pessoa do illustre Senador.

Todos os receios, porém, estão desvanecidos. S. E. acha-se livre de todo o perigo e quasi em estado de poder entrar em convalescença.

ARTE DE GOVERNAR AS MULHERES.

QUARTA PHASE.

DEPOIS DE MÃI.

(Conclusão.)

Depois de haverdes entrado no vosso gabinete, vos recostais em uma poltrona e com a cabeça entre as mãos, pareceis entregue a uma serie infinita de meditações.

— E' mais que provavel, pensais, se não é absolutamente certo, pelo jeito que as

de amor, finezas, protestos, &c., e não passavam disto. Por fim foi o moço caçador o primeiro mais ousado, rompendo em pedir a sua bella uma entrevista. Houve uma resposta; que em seu devido logar comparecerá ante nós: por agora basta dizer que em uma bella manhã em que o caçador sabiu de estar com Laura, o seguiu para sua caçada, Marcos veio ter com ella e lhe dice que tendo de ir á cidade aquella dia não voltaria sinão no seguinte. Foi ao depois da sahida de Marcos que Laura respondeu a carta, em que o caçador lhe-pedia a entrevista, para a qual queria aproveitar a ausencia de Marcos na cidade.

Era noute: os objectos já se-não-distinguíam, quando Laura dirijiu-se ao logar pactuado. Longo foi o esperar, e o caçador não apparecia: ella volta á sua casa, ali pouco se-demora, e segunda vez torna ao logar para onde seu coração a attrahia com irresistivel força: ainda o caçador ali não está. A noute vai adiantada, e nem o menor indício. Um amante faltar n'uma entrevista pedida a sua dama, e n'uma primeira entrevista! Oh! será possivel uma tal infamia! Laura espera, e espera com ansiedade. Que idéas de colera e de horribeis desconlianças não turbilhonam n'aquella vulcanica cabeça, como acapelladas ondas no meio de um mar tempestuoso! Não é mister descrevel-as... algum, que tenha amado, pendente de uma entrevista, pôde claro ajuizar dos furros, que agitam o coração nesse momento!

Já se-resolvía a voltar para sua casa a atrabiliaria moça, bem enfadada contra o seu bello caçador; e de animo quasi firme a não voltar, quando um vulto trajado, como o seu bello caçador, para ella se dirije...

coisas vão tomando, que aqui já se não faz caso de minhas ordens e que a anarchia não se deterá em sua obra de destruição. No ponto em que tudo está, só me poderei salvar dando um verdadeiro golpe de estado. E' me preciso desenvolver toda a minha pericia e ao mesmo tempo mostrar-me inabalavelmente severo.

E proseguindo n'estes pensamentos, por acaso deixais cabir a vossa vista sobre um volume da Historia Franceza, escripta por um litterato da escola romanesca moderna. Abri este livro, e percorrendo algumas de suas paginas, ricas de lições sublimes, exclamais como se n'ellas tivésseis deparado com alguma coisa aproveitavel:

—Que fortunal... Não tem a historia de um povo muitos pontos de analogia com a de uma simples casa de familia? Tanto em uma, como em outra não ha governantes e governados? Tanto na vida dos povos, como na vida intima de uma familia, não ha revoltas e punições? Não nos apresentam ambas lições sublimes?

E, continuando a folhear, abris um capitulo que trata succintamente do reinado de Luiz XIII, e onde o autor a respeito d'este principe escreveu as seguintes notaveis linhas.

« Luiz XIII, que todos os historiadores nos tem apresentado como um homem tão fraco quanto taciturno, sem onergia, sem vontade, sem iniciativa e incapaz de governar, era pelo contrario um homem de genio e o mais profundo politico de seu tempo; é verdade porem que não pareia sel-o.

« E n'isto consistia todo o seu poder e clewado merito.

« Richelieu, seu primeiro ministro, Ri-

Laura apenas o-vê, corre ao seu encontro, dizendo:

—Tão tarde, tão tarde, meu lindo caçador?..

—Com quanto não seja o mesmo...

—Ahl..

Laura solta um grito de surpresa, de susto, e de horror!.. quer fugir, mas é tardel é tarde, que uma dura mão de ferro a prende por um braço! Oh que não era essa mão de ferro que se esperava, era uma doce mão carinhosa! não era a mão de um demonio, era a mão de um anjo... e o anjo não veio!..

CAPITULO XII.

EU...

Tão precarios são os nossos felices acasos, que no lugar onde julgamos encontrar a ventura deparamos com a desgraça: o capitulo passado bem nos revelou esta verdade! Muitas vezes aonde nos supponmos a ser, e aptos para tudo quanto der a nossa imaginação, no momento, em que nos dispomos a executal-as, uma pesada mão de ferro nos suspende, e até nos castiga!

Caçador, caçador, aonde estás? Aonde estás, que não vens valer a tua amada! Ella, por tua causa entre as horriveis mãos de um assassino, e proxima á morte! ella... e tu não vens valê-la? Como? e deixas indefeza a tua amada! Caçador, caçador, aonde estás? mas embalde é a voz do que te-chama! Mancebo amador, como? Faltar a uma entrevista á tua dama? A primeira entrevista, e pedida por ti proprio! Que horror! que ommissão que, falta! Caçador, caçador, aonde estás? Ah, que o teu crime é um crime de morte! Caçador, caçador, a tua dama morre, e tu... tu a abandonas no momento de sua dôr? tu!..

E com effeito, quem não se-encherá de colera contra um tal procedimento?

cheliu, a quem se attribue erradamente a maior parte dos feitos politicos que se deram n'aquelle reinado, não passava do seu instrumento, de uma figura de papelão, atroz da qual este grande rei, tão mal julgado, se occultava tanto por modestia, como por calculo.

« Richelieu obedecia, como docil e enghoso automato de Luiz XIII; — é este o seu titulo de gloria. E' verdade que era elle quem tinha nas mãos as redeas do governo, mas tambem não é menos certo que era Luiz XIII, quem lhe dizia: — partiremos para Rochella e d'alli para casa dos Snrs. de Thou e Cinq-Mars. Assim a reputação de grande politico, de que gosava o cardeal de Richelieu, era usurpada. Em vez de se considerar n'elle unicamente o braço que obrava, devia-se tambem attendêr á cabeça que meditava e que ordenava.

« E' tempo de corrigir-se, para gloria do grande Luiz XIII, esta grave e mui salicnte erro de nossa historia. »

Tão sorprendido, quanto admirado por esta descoberta historica, não podeis deixar de pensar:

—Este modo indirecto de governar de Luiz XIII, que ninguem ainda suspeitou, ninguem a não ser o meu historiador, vem ditar-me o papel que d'ora em diante devo representar junto de minha mulher. Eu se-rei Luiz XIII e ella será o meu cardeal de Richelieu, isto é, o meu instrumento, o meu braço, o meio pelo qual a ella mesmo governarei sem que dê por tal.

Ahl! ella pretende substituir-me e, só no lome, dirigir a não conjugal!.. Pois eu a ensina-rei!.. Segure no leme, segure muito em-

Entretanto para não criminarmos o joven sem ouvir-o, vejamos qual foi a carta, que elle endereçou á sua bella, eil-a:

« Belleza incomprehensivel, mulher que eu amo com um amor inexplicavel e inintel-ligivel; dogma impercebivel do meu coração; livro mystico de minha alma, onde ha um amor todo de mysterio! Serás tu um anjo? serás uma divindade? Eu não te-comprehen-do! Serás tu um sonho ou uma realidade? Eu não sei o que tu sejas; mas, ou illusão ou verdade, eu te-amol Sim, eu te-amol, e não sei como! Quando te-amol, quero fugir de ti! Eu quizera aborecer-te, e te-desejo sempre a meu lado! Tu és o que eu não sei definir; e eu sou o homem que te-amol, e que mais te-respeita! No meio das minhas medi-tações, eu te-encontro, como um anjo! e no fundo dos meus sonhos tu appareces aos meus olhos, como um phantasma, que me-assusta ou como um pesadelo, que me-opprime!.. mas eu me-acoordol, e outra vez te-encontro pura, como a estrella da manhã; simples, como a rôla do prado; engraçada, como a flôr do valle; suave, como o luar da primavera; risonha, como a mais bella estação da natu-reza; formosa, como o primeiro pensamento de amor entre os ternissimos extases de innocente virgem enamorada; e finalmente bella, como um anjo! Tu então és tão suave ao meu coração, como o amoroso suspirar de enamorada brisa, docemente genando entre o mimoso rugido das flores! Tu então és um nardo divino tão consolador á minha alma, como o é para as flores o derradeiro orvalho de uma suave noite da primavera!

« Entretanto nas minhas reflexões eu escuto uma voz que me diz: « Consagra-lhe a tua existencia, porém ella nunca será tua; vive

bora, não me opporei a isso, pelo contrario instarei para que o faça e até estou capaz de furçal-a a ter de nossa não o leme sempre nas mãos!..

A ella só, por consequente, caberão os trabalhos, as fadigas do governo, e a mim as vantagens e a gloria! A ella o sceptro que vai-se tornar em suas mãos um machado sem valor, a mim a varinha encantada que significará a força, a autoridade e o poder.

E é assim que se governa ás mulheres, em apparencia nos deixando dominar por ellas! E' assim que todas são dominadas, aproveitando-nos de sua fraqueza, ou antes exprimindo-nos melhor, do lado franco de seu genio, de sua corda sensivel, e sobre ella assentando o nosso poderio!

FIM.

Uma pagina da minha vida.

(Continuação do n. 1078.)

II.

Façamos como o usurario; oh! virgem, contemos e recontemos os nossos thesouros, desentranhemos do grande archivo do passado a sublime epopeia do nosso amor e juntos a leiamos.—Que importa a distancia?

Podem por ventura todos os sons da terra, todos os bramidos do oceano fazer que os nossos corações não ouçam nem comprehendam as vibrações intimas desse fio magnetico e mysterioso que invisivel prudo, reune e identifica, apesar da distancia, dous corações que se idolatram como os nossos?

para ella, porém ella não viverá para ti! E todavia ella será tua, viverá por tua causa, e não te-pertencerá!

Quando quero estudar-te, eu caio n'um abysmo de incomprehensibilidade! quando quero comprehender-te, eu me-perco em longos rodeios de um intrincado labyrintho! E com tudo, eu sinto que te-amol. Si tu és desgraçada, então eu sou irrevogavelmente teu! mas se eu sou feliz, os nossos destinos são um arcano do futuro! E todavia eu sinto que te-amol, como o bom irmão ama a sua querida irmã; e eu te-respeito, como o filho obediente respeita a sua terna mãe! Tú não poderás comprehender o meu amor, e nem eu explicitol! Entretanto, eu te-asseguro os meus respeitos, e dá-me uma entrevista: eu te-protexo a minha obediencia, e marca-me uma hora; eu cumprirei as tuas ordens, e aponta-me um logar.»

« O caçador. »

Eis aqui a carta, que á formosa Laura indereçara o bello caçador. Vós a entendeis? nem eu. E' uma carta, em que se-pinta um amor verdadeiramente extremoso, mas tambem verdadeiramente incomprehensivel! E' um amor cheio de receios, e são receios cheios de amor. E' uma carta, que parece um parto de uma imaginação escaldada. Nós quizeramos d'ahi arrancar algum fundo de realidade, ou de moral, mas como? por onde começar, finalizar sonde? Notamos ahí tantas cousas contradictorias, que é um nunc-a acabar; são palavras, que não parecem representar idéa alguma real, ou são idéas, que nada nos podem revelar: e, si aqui existe alguma coisa de verdade, ella é tão sublim-e, que lhe não podemos attingir!

(Continúa.)

Não;—porque a linguagem muda do nosso amor é mais intelligivel para nós, mais eloquente e mais sublime do que as notas desse cantico eterno e grandioso que a natureza desfoce ao romper d'alvorada ou ao derradeiro adeus do sol que se retira.

Não nos importe igualmente o mundo, oh! virgem, o mundo é hypocrita, desprezemo-lo com as suas hypocrisias.

O homem que sorve a grossos tragos, no calix dourado do prazer, todas as doçuras ensbrantantes da vida é indifferente e surdo, quando não insulta com um riso de falsa piedade ou de escarneo os gemidos profundamente dolorosos do homem que bebe gotta á gotta todo o fél das agonias humanas na taça do ferro em brasa do infortunio, em cujas bordas ficam-lhe pagados os labios que se carbonisam!

Deixemos, pois, os homens com os seus corações de marmore, com os seus risos imolentes;—deixemo-os oh! virgem, porque esses homens são mais dignos da nossa compaixão sincera do que nós da sua falsa piedade.

Mais nos merecem elles uma lagrima de condonimento do que o innocente encarcerado de muitos annos que olha chorando, mas orgulhoso beija os ferros que lhe esmagam os membros; porque este encontra a sua felicidade na propria consciencia e os seus ferros, limpos de toda a nodosa, estão sellando o maior, o mais sublime, o mais santo de todos os martyrios, o martyrio da innocencia que faz lembrar a victima sacrosanta do Gethsimani.

Quantas vezes esses homens não procurarão debalde suffocar nos abyssos d'alma, com

o arruido frenetico das suas alegrias, o grito dilacerante de um remorso?—Quantas vezes elles não sentirão laivos de sangue no proprio vinho das suas orgias!...

Ah! compaixão, compaixão para elles e fallemos do nosso amor, sómente do nosso amor, virgem celeste e adoravel.

Junius.

(Continúa)

A FLOR ROUBADA.

Vai, minha mimosa flor,
E pergunta a essa ingrata
Por que tanto me maltrata
Se lhe dou tamanho amor!

Dize-lhe, que n'esse amor
Existe fidelidade,
Só n'elle existe bondade,
Vai, minha mimosa flor.

Leva-lhe dos labios meus
Um beijo sem falsidade,
E com toda a castidade
Deixa lá nos labios seus.

Mas se ella ao recebel-o
Não mostrar-se commovida.
Foge logo, oh flor querida;
Em meus braços vem morrer.

22 de Maio de 1859.

Felissimo Augusto Castello Branco.

A B C aprendeu logo o nome de todas as letras, o bicho tinha talento, mas eu fiquei sempre no mesmo estado; dir-se-hia, que os ossos do meu craneo eram de ferro, e que assim não deixavam entrar no meu cerebro idéa alguma.

—Que cabeça!

—E' verdade! Dizia a minha boa mãe—este filho hade ser as minhas esperanças! Entretanto iam correndo os annos; a boa velha, que tanto me amava, despediu-se deste mundo, e eu fiquei só como um frade em uma cella!

—Coitado do tio Martinho!

—Chorei e chorei, mas por fim o charuto, o pagode e o namoro, distrahiram-me um pouco.

—Formei namoro forte com uma menina; ah! era galante como um jasmim, fui vendo a pequena e fui gostando; ella parecia concordar com o negocio. Um dia levei-lhe um doce francez.

—Que palurdio!

—Ri-se o Sr. Sargento Muneco?

—Applauda a sua lembrança.

—A menina era rica, jurei casar-me com ella. Tendo comprado roupa nova fui vestido como um fidalgo a casa da pequena; vi tres carros parados á sua porta, julguei que se ia baptizar.

—Quem? a sua namorada?

—Sim, e o que tem isso? Hoje namora-se desde o herço, mas depois soube que a pecurrucha ia casar-se...

—Que logro bonito!

—Por S. Martinho! fiquei desesperado, e por um triz deixei de fazer um casamento rico!

REIMPRESSÃO

DA

Carteira de meu Tio.

Esta—2.ª edição—acha-se á venda na loja de Paula Brito, praça da Constituição n. 64.

Para que se possa bem comprehender a originalidade, utilidade e bom gosto desta obra, aqui publicamos o que hasterá para que se forme della o devido conceito.

INTRODUCCAO.—*Et cetera.*

CAPITULO I.—Em que se prova (além de muita coisa, que quem ler saberá,) que o cavallo de meu Tio é incompativel com algumas estradas provincianas do Rio de Janeiro, e quasi que se encontra um grande pensamento politico chafurdado em um lamario.

CAP. II.—Como depois de se demonstrar que ás vezes idéas muito feias se encapotam em phrases e palavras muito bonitas, e que tambem ás vezes se perde quem deixa o alato para seguir a estrada real; convem o homem das botas em dizer quem é, e mettendo-se na politica geral, conta uma historia da porcos e de milho, que traz seu dente de conelho, e no fim della se vê arder a casinha de um pobre, e logo adiante ouve-se um nêú, filho de um inspector de quarteiros, lendo um artigo da Constituição do Imperio.

CAP. III.—Como depois de considerações transcendentes sobre a Constituição do Imperio, prova-se até á evidencia, que é pela barriga que se governa o mundo; faço uma conciliação, do que muito nos aproveitamos, eu, o meu compadre Paciencia, o cavallo de meu tio e a mulla-russa; admiro as idéas politicas de um estalajadeiro, que tem nariz e barriga de estadista; vou deitar-me, e tenho uma visão, que me deixa de boca aberta.

CANÇÃO DO PROGRESSO.

Vai tudo o melhor possível;
Oh que fortuna tão bella!
Navegando em mar de Rosas,
Nossa patria vai á vela.

—A' saude do noivo logrado, disseram os tres moços deixando os copos vazios.

—Esta é a minha primeira aventura; escutem a segunda.

—Silencio!

—Estabeleci o segundo namoro.

—Que Lovelarel!

—E' um D. João de 60 annos

—Deixem-me fallar; na Igreja é só um padre, que prega o sermão.

—Falle, tio Martinho, falle, disse Alberto encarando o velho;

—Oh! que namoro, e que moçal isto, sim, é que era belleza! Aposto, que era mais linda do que a sua Adelia, Sr. Alberto!

—Para que me fallais nesta mulher velha, estonteado!

—Está bom; era formosa como um copo de vinho, vaporosa como a fumaça de um charuto, chamava se Gabriella, que constancia de mulher, e que amor que eu tinha a ollal mas a mulher bella encontra sempre muitos adoradores; appareceu um biltre que começou a namorar a minha Gabriella, euchi-me de ciume, como Otelo, e como Fayal! E o malyado desafiou-me a um duello.

—E aceitaste, tio Martinho?

—Aceitei sim, mas não accitei.

—Já está toldado!

—Tinha dinheiro, comprei um homem. O dinheiro é uma luz que serve para todas as occasiões; disfarcei o sujeito com barbas e bigodes, como eu usava então, e disse-lhe que se fosse bater por mim.

—E depois?

—O homem foi; o meu adversario já lá estava furioso como um lobo, porem com olhos de lynea conheceu o engano, e não quiz bater-se com um desconhecido.

FOLHETIM

POR UM TRIZ

ROMANCE ORIGINAL

POR

A. A.

(Principiou no n. 1077.)

—O que teus, Alberto?

—Já dormes?

—Não, penso e soffro!

—Dizei alguma coisa, tio Martinho; estão todos tristes, como se tivessem assistido a um enterro!

—Sim, haja prazer e alegria, o vinho é a alma do contentamento; no fundo dos copos só se devem encontrar risos e prazeres.

—Safa, por um triz que não chorei com a historia do Sr. Alberto, disse o tio Martinho enxugando um copo.

—Silencio, meus senhores, eu principio.

—Nasci no dia de S. Martinho, em 12 de Novembro de 1797, por isso minha mãe, que Deos a tenha no paraíso dos anjos, deu-me o nome de Martinho!

—Ah! que grande santo é o S. Martinho! Em outro tempo era festejado em França com dansas e banquetes. E' o padroeiro dos vinhos e dos patascos; e o tio Martinho virou um copo de um só trago.

—Continue, tio Martinho.

—Fui crescendo; minha mãe mandou-me educar, mas na minha cabeça nada entrava. Um papagaio, que ouvia ensinar-me o

Viva o dinheiro!
Fôra o ideal!
Viva o progresso
Material!..

A vida que nós passamos
E' contra a *Constituição*;
Mas não faz mal, que é milagro
Da *santa conciliação*.

Viva o dinheiro, etc.

Isto de patria e virtude,
Honra e gloria é só — *poesia*;
Poder, dinheiro et *cetera*
E' quo tom gosto e valia.

Viva o dinheiro, etc.

Nosso altar é a algibeira,
Nossos deuses prata e ouro,
Nossa oração — *venha a nós*,
E o nosso Céu o thesouro.

Viva o dinheiro!
Fôra o ideal!
Viva o progresso
Material!..

CAP. IV.—Como o compadre Paciência fez-me levantar da cama ao romper do dia; despedimo-nos do Marco do Judas, e continuámos a nossa viagem: dou conta da visão que tive ao meu companheiro, que a explica, como a cara delle; chegámos a uma villa (cujo nome deixo no limbo), onde depois de tropeçar em uns artiguinhos constitucionaes, que estavam na cadea rolando pelo chão, de envolta com os tananques do carcereiro, subimos a casa da camara e assistimos a uma sessão de jury, que fez o compadre Paciência ter occasião de dizer cobras e lagartos contra os sábios patriotas, adversarios dessa instituição perigosa.

—E o homem?
—Voltou, contou-me tudo e chupou-me o dinheiro!
—E a D. Gabriella!
—Casou-se no mesmo dia com o seu segundo amante!
—Vinhó, vinhó, é preciso applaudir as aventuras do tio Martinho!
—Ah! e assim por um triz perdi a minha segunda namorada! Ouçam agora a minha ultima aventura.
—Tudo está calado!
—Tenho a guela seca, quero vinho.
—Este velho hoje fica com a molestia de S. Martinho!
—Estava aborrecido do mundo e da vida.
—Vai ficando romantico; o vinho as vezes faz isso!
—Quiz abandonar as minhas namoradas e os meus pagodes, lembrei-me de ser soldado.
—Quem, o tio Martinho!
—Sim, eu mesmo; assentei praça na tropa de linha. Ah! rapazes, vocês não sabem o que é a vida de um soldado de tropa de linha!
—Atenção!
—O soldado de linha deve andar sempre firme como uma estaca: carregado de espingarda e machila, tem de marchar até o official dizer—alto! é como a machina que em quanto tem vapor não pára. Deve ser escravo dadi disciplina; se respinga por qualquer coisa é fuzilado. E' vida endiabrada; e em tempo da guerra!
—Assististes já a alguma batalha?
—Já, mas não sei contar nada dessas festas de fogo e bala, porque na em que eu assisti morri logo no principio do combate!
—Morrestes!

MONUMENTO

AO BRIGADEIRO

MIGUEL DE FRIAS VASCONCELLOS

E

a seu irmão

FRANCISCO DE PAULA VASCONCELLOS

MARCHEAL DO EXERCITO.

Estando a concluir-se a impressão desta interessante obra, o editor, *Paula Brito*, roga a todas as pessoas, que se encarregaram das listas d'assignatura, o obsequio de as remetter ao seu escriptorio, por isso que os nomes dos subscriptores têm de ser impressos no fim do volume.

A obra compõe-se não só de tudo quanto foi publicado sobre a morte do Brigadeiro Frias, e General Paula, como do mais que o editor julgou dever adicionar, encarregando d'esses trabalhos a duas pennas diversas, sendo uma dellas mui conhecida.

Assigna-se ainda, por estes dias, na praça da Constituição n. 64.

Preço \$2000.

COM A PRESENTE LOTERIA.

Os Snrs. assignantes que não puderam até aqui mandar reformar suas assignaturas da —Marmota— e as pessoas que, desejando assignal-a, não puderam realizar isso no mez fin-

—Sonhais, tio Martinho?
—Não, creiam no que digo, já morri.
—O velho ou está doudo ou embriagado!
—No dia do combate aproximaram-se os dous exercitos, o inimigo deu a primeira descarga e eu cahi morto. Levaram-me para uma barraca, veio um padre benzeu-me e encomendou-me, depois poseram-me em uma padiola para me alitarem ao fosso, porém os meus camaradas tomaram a padiola com tanta violencia, que cahi ao chão, e puz-me logo teso como um defunto seco! Os camaradas correram de mim como se tivessem visto a propria morte.
—Assim com o tio Martinho aconteceu o mesmo, que a Carlos V. que assistio ás suas proprias excoquias?
—E' verdade; ao menos nisso sou semelhante a esse grande Imperador, que, dizem, acabara fazendo relógios no convento de S. Justo!
—Mas, continue, tio Martinho.
—Temendo que não viesse algum camarada mais onçado, que me quizesse matar outra vez, dezertei do exercito. Ah! e se tal não faço talvez por um triz chegasse a capitão.
—E o que fazeis agora?
—Vivo nas ruas e nos botequins como, durmo e bebo com os amigos; o meu trabalho é o jogo, o meu regalo o vinho, namoro a charuto e jogo e bebo como um cigano!
—Viva o tio Martinho.
—Ao jogo, ao jogo!
Ouve-se rumor, a casa fica cercada de soldados, os moços saltam por uma janella que dá para um terrado e fogem, os soldados entram, o tio Martinho quer tambem fugir, porém é detido pelos guardas.

do, podem fazel-o ainda até o dia em que andar a 2.^a loteria do corrente mez, sendo as nossas cautelas de — premio em dinheiro — do seguinte modo:

(Cada bilhete tem 10 numeros.)

Para a sorte de 20.000 \$ — Em dinheiro 100 \$ rs.
" " " de 10.000 \$ — Em dinheiro 50 \$ rs.
" " " de 5.000 \$ — Em dinheiro 30 \$ rs.
" " " de 2.000 \$ — Em dinheiro 20 \$ rs.

Em geral toda e qualquer pessoa que assignar a MARMOTA, O ARCHIVO, etc., ou comprar libretos, romances, poesias, musicas, estampas, etc., na loja de PAULA BRITO terá cautelas, — gratis — dos premios acima, na seguinte proporção: gastando

De 2\$ a 3\$ rs. 1 cautela (10 numeros).
De 3\$ a 5\$ rs. 2 cautelas (20 numeros).
De 5\$ a 7\$ rs. 3 cautelas (30 numeros).
De 7\$ a 9\$ rs. 4 cautelas (40 numeros).
Gastando 10\$ rs. 5 cautelas (50 numeros).

4 — Praça da Constituição — 64

—A decifração da charada do n. antecedente é Pescador.

—Os vossos companheiros, velho?
—São os copos e as garrafas.
—Os vossos amigos?
—Se não estão aqui é porque fugiram!
—Pois estai preso!
Ah! disse o tio Martinho deixando se levar, pelos soldados, por um triz que não me escapo da policia!

EPILOGO.

O sargento Mauco abandonou os cafés e os botequins, e conseguiu alcançar as dragonas de alferes da guarda nacional!

João, o Sacristão, recendo-se de cahir algum dia nas mãos da policia deixou o jogo e o vinho, começou a estudar e arranjou alguma sciencia para poder ser frade!

Quanto a Alberto, foi buscar na patria dos poetas e dos pintores consolação e sciencia, partio para a Italia. E o tio Martinho? Respondeu ao jury por ser encontrado em jogos prohibidos, mas o advogado fez valer em favor do pobre réo, os seus 60 annos, os cabellos brancos, e o rheumatismo que lhe sobreviera na prisão.

O tio Martinho foi absolvido. Depois começou a vender phosphoros, e dizia sempre: — Quem não quizer ter rheumatismo não vá morar na cadeia!

Quando lhe perguntaram se os phosphoros eram bons e inalteraveis, respondia o tio Martinho:

—Por um triz estão elles ardendo!

Fim.